

# A indústria e a arte do ferro forjado em Viana do Castelo

por Felipe Fernandes

## APONTAMENTOS

Com o modesto trabalho de hoje, que consideramos de singelos apontamentos sobre uma arte e uma indústria que floresceram nesta cidade e que, no presente, quáse não existem, temos por objectivo, tão só, chamar a atenção dos vianenses para um dos aspectos mais válidos do seu património artístico e que, até hoje, tem passado despercebido da grande maioria. Outrossim, prestar preito de homenagem aos hábeis artífices que para aquele contribuíram com o seu trabalho, engenho e arte, e cujos nomes de todo foram esquecidos.

Vamos tentar deixar aqui alguns apontamentos que poderão servir, talvez, como ponto de partida para um estudo mais profundo por parte de quem possua maiores conhecimentos do que nós, quiçá mais tempo disponível para levar a cabo trabalho mais longo e pormenorizado, relacionado com as épocas e os estilos, os meios económicos e sociais, e, até, os meios técnicos existentes no passado e no presente.

O que importa, na verdade, é não deixar continue na indiferença de uns e no esquecimento de outros, o que merece admiração e carinho, e, assim, possa ser defendido e preservado agora, para ser legado aos vindouros.

\* \* \*

A indústria e a arte do ferro forjado é uma das mais antigas do nosso País. Segundo o pôde apurar o Dr. Joel Serrão <sup>(1)</sup>, «desde meados do século XII que se começou a empregar o ferro no fabrico de diversos utensílios agrícolas, em instrumentos artesanais, em pregos para construção, nas ferraduras dos cavalos e no fabrico das principais armas defensivas e ofensivas».

E, assim, já na altura da tomada de Lisboa aos mouros, existiam, nela, numerosos ferreiros. Os próprios reis D. Afonso III e D. Dinis tivera «ferrarias» em Lisboa.

A partir, sobretudo, de 1806, foi criada a Companhia de Navegação do Rio Douro e Mineração e Fundição de Ferro, desenvolvendo-se, então,

(1) — «Dicionário de História de Portugal», pág. 559 e seguintes.

no nosso País a metalurgia do ferro, que constituiu uma das principais actividades económicas dessa época. Mas já anteriormente, em 1787 por exemplo, a comarca de Guimarães exportou 8.200.000\$000 reis de ferragens, além dos produtos colocados no mercado interno.

Ora, segundo afirmação de José Acúrcio das Neves, «a principal riqueza do Minho, procedia, antes e até no seu tempo, das exportações de *ferragens*, panos de linho, chapéus, linhas e outras manufacturas para o Brasil. Só entre 1834 e 1835, pela barra do Porto, enviaram-se para as Terras de Santa Cruz pregos, fechaduras, dobradices, enxadas, foices, picaretas e ferragens miúdas, no valor de 191,2 contos; o que segundo Ezequiel de Campos, corresponderia, hoje, a mais de 15.000 contos.

Não admira, pois, que nesta cidade se instalassem diversas oficinas de fabrico dessas ferragens e ferramentas agrícolas, a par de outras dos mais diversos misteres, como os de correiros, taxoleiros, pregueiros, etc., e que, mais tarde, tais oficinas, à medida que a urbanização do burgo se ia processando, elas fossem transferidas para a periferia, dado o inconveniente do fumo do carvão que das mesmas saía, poluidor do meio ambiente.

Assim, talvez, a razão de ser de num dos mais belos subúrbios de Viana, o Lugar de Abelheira, nascer um núcleo de modestos ferreiros fabricantes, sobretudo, de ferragens para construção, mister que foi passando de geração em geração e chegou até aos nossos dias.

As origens de tal actividade naquele aprazível local, cercado de matas trescalantes e latadas de vides farfalhudas, remontam, por certo, alguns séculos atrás... Não conseguimos, a despeito dos nossos esforços, penetrar para além dos fins do século passado, pelo que o primeiro nome que pudemos recolher de um desses esquecidos e modestos artífices foi o de José Pedro Viana, a que se seguiram seu filho Manuel Pedro Viana e seus netos Luís Arnaldo Pedro Viana e Joaquim Pedro Viana, os três últimos dos quais chegamos a conhecer. Contemporâneos destes, também conhecemos os Cambões, desde o «Tio Domingos», Domingos Rodrigues Cambão, atarracado, e que ficaria celibatário por toda a vida, pelo que ensinou a «arte» a seus sobrinhos: João Rodrigues Cambão, o «Bate-o-Malho»<sup>(2)</sup>; Joaquim Rodrigues Cambão, que mais tarde abandonou esta actividade, estabelecendo-se com uma padaria e mercearia perto da capelinha da Senhora das Necessidades; João Rodrigues Cambão, combatente da Grande Guerra (1914-18), onde apanhou os gases lançados pelos alemães que o vitimaram cedo; Manuel Rodrigues Cambão, que trabalhou na antiga «Fábrica do Gás», ali na Estrada da Papanata; e António Rodrigues Cambão, único sobrevivente desta

---

(2) — O «Bate-o-Malho» tinha uma casa de «comes e bebes» ao cimo da calçada que dava acesso à quinta do Convento de S. Francisco, sendo muito apreciados os seus «petiscos», regados a vinho verde da região, pelo que o seu estabelecimento era muito frequentado aos fins de semana e domingos à tarde, por clientes que até lá iam jogar a «sueca».

pléiade de artesãos, já com 81 anos de idade, inactivo há longos anos, vivendo da modesta pensão da Previdência.

Todos estes Cambões, homens honestos e trabalhadores, vinham com frequência ao estabelecimento do nosso saudoso Pai, trazer as encomendas de ferragens, e que forneciam também aos outros ferragistas locais — Vieira & Irmão, o «Baganha», e José Fernandes Malheiro (depois Álvaro de Carvalho), na Av.<sup>a</sup> Marginal; José da Costa Figueiredo, na Praça da República; Casa União, na Rua Sacadura Cabral; e Vitorino Afonso, na Rua Mateus Barbosa.

Além dos «Vianas» e dos «Cambões», um outro fabricante destas ferragens, cunhado dos segundos, merece referência aqui: Joaquim Lopes da Silva, também já falecido.

Interessante referir que as ferragens da Abelheira rivalizavam, em qualidade e acabamento, com todas as similares dos importantes centros fabris de Vila da Feira e de Rio Meão, pelo que eram preferidas pelos construtores de todo o Alto Minho. Assim, os ferreiros de Abelheira eram os habituais fornecedores dos comerciantes não só de Viana, como de Ponte de Lima, Caminha, Cerveira e Valença, pelo que toda a sua produção, essencialmente manual, sem os recursos técnicos que hoje existem, era de pronto absorvida pelo consumo.

Seja-nos permitido descrever uma destas modestíssimas oficinas, regra geral montadas num anexo ou coberto levantado no quinteiro da casa que servia de residência ao agregado familiar dos artifices.

Construção rudimentar, com cobertura de telha-vã, através da qual se esgueirava o fumo negro que saía da forja, improvisada sobre algumas lajes, umas postas a prumo, outras deitadas e apoiadas nas primeiras. Ao centro, vinha dar o tubo do grande fole de couro enegrecido que, accionado à mão pelo aprendiz, geralmente um dos filhos mais novos, avivava o braseiro de carvão de madeira, pedra ou coque, em que era introduzida a peça a trabalhar, depois, sobre a bigorna, assente num cepo de eucalipto ou pinheiro. A um dos cantos da oficina escura, toda negra, jazia uma grande mó de pedra do Amonde, montada num pequeno estaleiro de madeira, com eixo de ferro, terminado, no lado de fora, por haste que servia de pedal, e que um dos pés do artífice fazia mover. Sobre a mó, uma pequena lata, com torneira, pousada em pequena prateleira, deixava cair um fio de água. Era nesta mó que se afiavam as ferramentas cortantes, «pulsetas» e «talhadeiras», estas seguras entre a racha aberta num galho de madeira fibrosa, com argolas de ferro nas extremidades, utilizadas para corte, a pancadas do malho, das chapas e dos ferros mais grossos; aquelas, usadas para cortar material de espessura mais delgada, seguras com a mão esquerda, enquanto a dextra manejava o martelo de bola.

A mó servia, ainda, para polir certas partes da obra.

Depois de acabada a peça—chumbadouro, aldrava, trinqueta, dobradice ou fecho — era untada com óleo de linhaça e colocada em cima de chapa previamente aquecida. Deste jeito o óleo secava e dava à peça um bonito tom acobreado, que evitava a ferrugem, durando longos anos.

Até neste pequeno pormenor se distinguíam as ferragens da Abelheira das congéneres de Rio Meão ou Vila da Feira, pintadas a piche ou sem qualquer «banho», o que as tornava de mais fraco aspecto, para venda, e mais sensíveis à humidade e ferrugem.

O antigo comerciante desta praça, sr. Rodolfo Vieira, <sup>(3)</sup> que sucedera a seu pai e ficara com o estabelecimento de Vieira & Irmão, tentara, um dia, montar uma oficina destas ferragens, na Rua da Bandeira, chegando a mandar construir um edifício adequado para tal fim. Porém, dado certas dificuldades de ordem financeira, não logrou fazer vingar tão meritório intento, frustrando-se tal iniciativa digna de melhor sorte. Por fim, desiludido, sem forças para lutar contra a maré — esta Terra foi sempre madrasta para os seus filhos —, teve de trespassar a «fábrica», que foi adaptada à indústria de plásticos.

Com a morte, há poucos anos, de Joaquim Lopes da Silva, derradeiro abencerragem de várias gerações de ferreiros da Abelheira, acabou, de vez, esta pequena indústria local de ferro forjado.

Fique, ao menos, como preito de homenagem aos laboriosos Ferreiros do populoso e bucólico subúrbio de Viana este ligeiro apontamento.

\* \* \*

Mas o objectivo principal deste nosso trabalho é o de exaltar a Arte dos Serralheiros de Viana do Castelo, patenteada, ainda hoje, em dezenas de varandas, janelas, grades e portões, que, de lés a lés, das ruas mais centrais às vielas mais modestas, valorizam o seu património artístico.

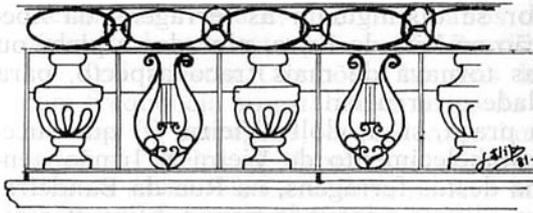
Autênticas obras de arte, embelezam os locais onde se mostram nas suas linhas harmoniosas, contrastando com as toscas «banheiras» ou «caixotes» de tejolo e cimento que, nas últimas décadas, as vieram substituir na frente dos edifícios.

Certo que, de quando em vez, ainda surge um ou outro novo prédio, particular ou do Estado, fiel a esta arte tradicional, como, no primeiro caso, na reconstrução de um pequeno prédio na Rua Espírito Santo, com o n.º 9, em que foi aplicada uma linda grade na varanda, confeccionada pelo hábil artífice Valdemar Dias de Sousa; e, no segundo caso, o Palácio da Justiça, na Av.ª dos Combatentes, e a agência do Banco de Portugal, no gaveto das Ruas da Picota — Praça da República — Rua Manuel Espregueira.

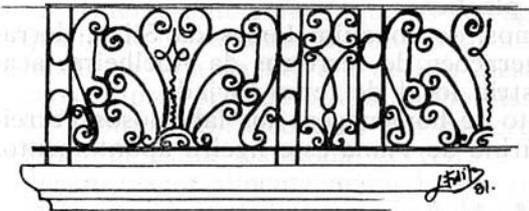
Mas, na grande maioria das construções, os prédios agora construídos ou reconstruídos, já não incluem nas suas frontarias as artísticas varandas como elemento decorativo a valorizar a sua arquitectura.

A Arte do Ferro Forjado que outrora se afirmava através de grades aplicadas nas janelas, varandas, portas e até em pequenas frestas dos edifícios, cedeu o seu lugar a painéis de rede, inestéticos e incaracte-

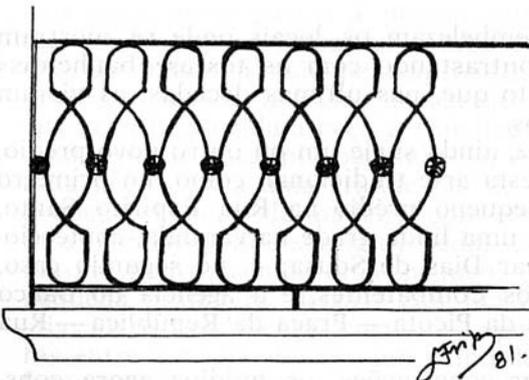
(3) — Falecido em 16 de Fevereiro de 1980.



Varanda do prédio n.º 76 da Rua Sacadura Cabral. Tem por motivos LIRAS e URNAS. Exemplar único.



Varanda do prédio n.º 148 da Rua Gago Coutinho. Graciosas volutas emergindo, em «explosão» de fogo de artifício, da base. Vêem-se outras idênticas nas Ruas Gen. Luís do Rego, Manuel Espregueira e Bandeira.



Tipo de varanda, em certa época, nas casas de famílias de algo. Encontram-se em numerosas ruas. De referir as 10 varandas, deste desenho, no prédio seguinte ao Governo Civil (Palácio dos Cunhas), lado poente — Rua da Bandeira n.º 277, onde há, também, uma bela grade na janela do rés-do-chão; e as da Casa Espregueira, Ruas Mateus Barbosa e Gago Coutinho (antigas Ruas da Piedade e 8 de Maio, respectivamente).

rísticos, ou a grades simples sem beleza nem arte, ou a feios caixilhos de madeira de vidro martelado, quando não, repetimos, compactas banheiras de tejo e cimento!...

É encanto dos olhos e deleite do espírito percorrer as ruas de Viana para admirar as Varandas Antigas, todas elas de ferro forjado, com balaústros cilíndricos ou quadrangulares, enriquecidos por anéis e torneados, alguns trabalhados; outros, sim, as varandas posteriores, feitas de prancheta e verguinha, formando figuras geométricas, motivos florais, liras e ânforas, volutas auriculares, círculos concêntricos entrelaçados, vasos de flores, monogramas, oitos (888) harmoniosamente combinados, formando conjuntos admiráveis de beleza e engenho artístico.

Viana do Castelo é, neste aspecto, uma das cidades portuguesas mais ricas, quer no número de varandas que possui, quer na sua variedade, pois pudemos verificar que mais de oitenta desenhos diferentes serviram de base à contextura das 945 varandas que pudemos observar, sendo 296 pertencentes à freguesia de Monserrate e 649 à freguesia de Santa Maria Maior.

E, note-se, nestes números não incluímos as numerosas varandas de ferro fundido, que também fizeram a sua época, mas não se encontram

dentro do objectivo e âmbito destes ligeiros apontamentos, nem tão pouco as que, embora igualmente de ferro forjado, não merecem ser contadas aqui, mercê da sua simplicidade.

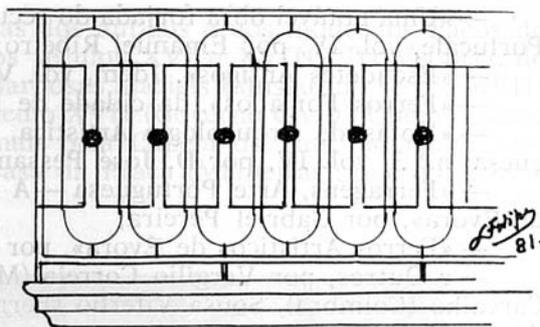
Desejaríamos fazer acompanhar estas linhas de fotografias de todas as varandas que mereciam tal distinção. Porém, esse intento ficaria muito dispendioso, pelo que, apenas, damos algumas reproduções fotográficas obtidas com o concurso da nossa modesta máquina «Kodak pocket A-1» e a imperícia de amador que somos nesta matéria.

Mas, para quantos desejem, numa próxima tarde amena, deleitar-se e sentir o mesmo enlevo que nos tomou, daremos, no final, a indicação dos prédios que ostentam as mais lindas varandas desta cidade, bem como alguns dos outros motivos decorativos, como portões e janelas dignas, também, de admiração.

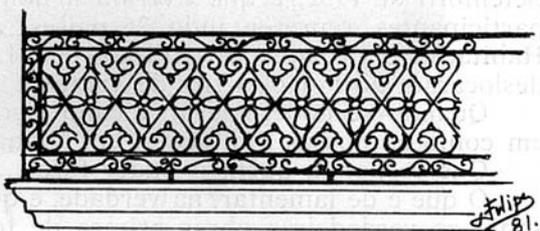
Mas confiamos, isso sim, que algum dos Profissionais de Fotografia de Viana do Castelo, ou mesmo algum Amador, até com o patrocínio do órgão mais representativo da cidade, que é a Câmara Municipal, venha num futuro próximo, a recolher mais proficientemente do que nós seríamos capazes de fazer, fotograficamente, aspectos das principais Varandas, Janelas e Portões de Ferro Forjado de Viana, documentos esses que poderiam vir a constituir uma mostra altamente válida, uma exposição extraordinariamente interessante, e, até, se possível, a constituir um álbum impresso sumamente significativo do valor artístico dos nossos exímios Serralheiros do passado e do presente.

De resto, isto mesmo já foi feito noutras cidades do País, do que é prova a vasta bibliografia existente, consoante passamos a citar:

— «Ferragens Artísticas» — Arquivo de Beja, Vol. I, fascic. 2, por Abel Viana;



O desenho mais vezes repetido, em centenas de prédios da cidade, com pequenas variantes. Contamos mais de quinhentas varandas deste tipo.



Varanda do prédio n.º 99, da Rua Gago Coutinho, uma das mais lindas de Viana. Constituem-na motivos florais ao centro, e volutas formando corações e losangos. Pena encontrar-se num edifício desabitado e quase em ruínas.

- «Uma notável obra forjada do século II» (Grade da Sé de Lisboa), Portucale, vol. IV, por Emanuel Ribeiro;
- «Escudetes Antigos». Idem, vol. VIII, por Guilherme Felgueiras;
- «Ferros Forjados», da cidade de Évora, por João Rosa;
- «Notas de Arqueologia Artística, Ferreiros», Arqueologia Portuguesa, n.º 3, vol. IV, por D. José Pessanha;
- «Ferragens, Arte Portuguesa — A Porta do Celeiro da Biblioteca de Évora», por Gabriel Pereira;
- «Ferros Artísticos de Évora», por Mário Tavares Chicó;
- e Outros, por Vergílio Correia (Montemor O Velho), Teixeira de Carvalho (Coimbra), Sousa Viterbo (Ferreiros), Jaime Lopes Dias, (Grades de Lisboa), etc..

E «Ferros Forjados do Porto», edição da Câmara Municipal do Porto pelo seu Gabinete de História da Cidade, publicado em 1955, obra que inseriu dezenas de fotografias reproduzindo precisamente algumas das mais belas obras de ferro forjado da Cidade Invicta expostas, em Setembro de 1952, e que tiveram a honra de ser admiradas pelos 700 participantes, representando 26 países, no Congresso Internacional de Habitação e Urbanismo, realizado em Lisboa, e que, para o efeito, se deslocaram ao Porto, a fim de visitar a referida exposição.

Quando se poderá levar a cabo algo de semelhante, embora tendo em conta as nossas limitações, em Viana do Castelo?

Que responda quem o puder fazer...

O que é de lamentar, na verdade, é que nada exista escrito, até hoje, sobre as verdadeiras obras primas de ferro forjado que se encontram espalhadas por toda a área da nossa Terra e, também, segundo cremos e nos informam, por todo este Alto Minho tão rico de potencialidades de toda a ordem mas tão esquecido e desprezado...

Pois bem: Aqui fica este modestíssimo trabalho, estes singelos apontamentos, a chamar a atenção dos estudiosos e dos responsáveis, como de todos os vianenses, para que tomem tento deste valioso e «desconhecido» património comum que importa enaltecer, preservar e defender de todos os atentados presentes e futuros.

E que na propaganda turística e nos roteiros da cidade destinados aos visitantes passe a mencionar-se, a par dos nossos monumentos mais notáveis, as Varandas de Viana do Castelo.

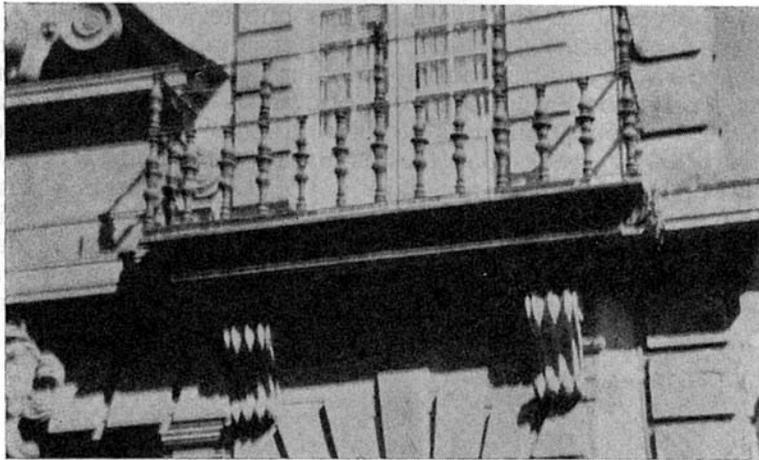
\* \* \*

Depois de falar da obra, incumbe-me falar dos seus autores.

A maior parte dos nomes desses esquecidos ou ignorados «joalheiros do ferro» perdeu-se, por certo, na neblina dos séculos... Lá poderá surgir um ou outro de seus nomes em seculares arquivos, em delidos documentos, orçamentos, facturas, actas de organismos e instituições...

Mas quem há aí que vá manusear aqueles e descobrir estes?

Quem construiu as varandas dos antigos e dos modernos Paços do Concelho, edifícios que vêm dos séculos XVI e XVIII? Da Vedoria, do século XVII? Do Palacete dos Barbosas Maciéis (Museu) do século XVIII ou do Palácio dos Cunhas do século XVII (Governo Civil)? Quem o autor da formosíssima varanda da mais bela Capela do País, no mais puro estilo D. João V, a capela da Casa da Praça (Malheiras), que nos garantiram ser de ferro batido?



Varanda da «Casa da Vedoria», na Rua Manuel Espregueira. É este, sem dúvida, um dos mais antigos modelos de varanda, constituída por grossas barras de ferro e fustes cilíndricos e quadrados, com astrágalos sobrepostos.

E se não é fácil descobrir os autores das varandas e grades das janelas destes edifícios que são monumentos nacionais, como será possível identificar os autores de todas as outras de velhas casas do burgo vianês, perdidas por ruas e vielas, e que pertenceram, talvez, a mercadores e marinheiros que nesta cidade nasceram ou viveram alguns séculos atrás?...

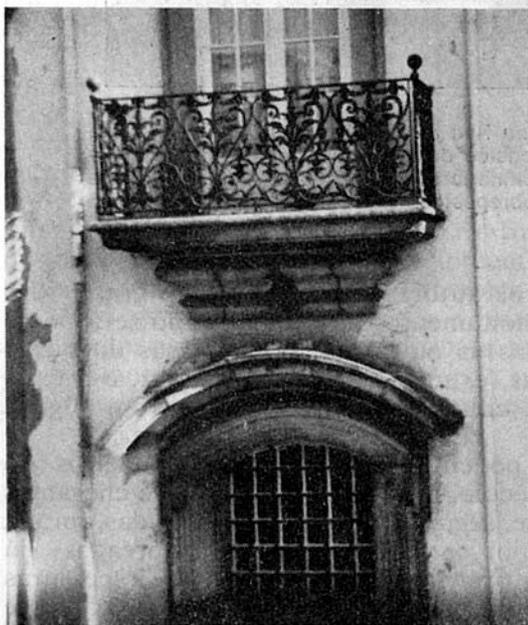
No entanto, alguns nomes podemos nomear de serralheiros do século passado e começos deste século, sem falar naqueles que chegamos a conhecer na nossa infância e que, segundo informações colhidas, foram, efectivamente, os autores da maior parte das varandas «floreadas», já quando o ferro era fornecido em pranchetas e vergalhões de espessuras mais facilmente manipuláveis, posto que, então, ainda a técnica fosse rudimentar, por não existirem máquinas nem soldaduras que facilitassem o trabalho, já que tudo teria de ser «cravado» ou soldado a metal e trincal, ou simplesmente pelo sistema de «encaixe», o que tornava a tarefa morosa e difícil. Com efeito, as pastas de «caldear», as primeiras

de origem francesa, vieram muito mais tarde, e as soldaduras a autógeno são dos nossos dias.

O nosso prezado amigo e abalizado investigador e arqueólogo José Rosa de Araújo, dá-nos a conhecer, no capítulo VIII do seu interessantíssimo trabalho «Património Artístico de Viana do Castelo» — A Igreja da Santa Casa da Misericórdia», estudo publicado em 1963 e editado pela Junta Distrital, que «as principais obras de serralharia (do referido templo) foram confiadas ao mestre Custódio Esteves». O respectivo contrato foi celebrado a 25 de Maio de 1720, e assinado pelo dito mestre serralheiro, que recebeu «por várias obras que fez» 10\$950 rs.

Mas outros artífices foram chamados, então, pelos Mesários da Santa Casa, para executarem outros trabalhos de serralheiro, como João Fernandes, Domingos Fernandes, com oficina na Rua de Altamira, «que recebeu 69\$030 rs. por 9 quintais de ferro lavrado menos arratel e meio, que pezavam as 11 grades das frestas da Igreja»; e mais «12\$070 rs. pelas grades que se fabricaram para a Porta das Chagas»; Francisco Velho Fiúza, do Campo da Penha, e Domingos Rodrigues, conhecido por «Milhomes», «que em 1719, recebeu 17\$662 rs. pelas ferragens da porta grande e pelos ponderais das lâmpadas, fechaduras e mais obras» (\*).

E no «Almanache de Vianna e seu Districto», edição da Livraria Aca



---

Grade da varanda da imponente Capela das Malheiras, da «Casa da Praça» ou dos Malheiros Reymões. Único exemplar existente em Viana. Garantiram-nos ser de «ferro batido». Formam-na volutas auriculares curtas e alongadas, intercaladas de folhas ponteagudas.

---

(\*) — Págs. 87 e 88 da obra citada.

démica e Religiosa de Eliseu G. Preza, do ano de 1912 e a página 114, dá-se relação dos serralheiros da cidade que eram:

Serralharia Mechanica de F. C. C. Villas Boas, rua dos Manjovos; José Rodrigues da Cunha, rua 8 de Maio (hoje, Gago Coutinho); João Nunes Paes, rua da Bandeira; António José Janau, rua Grande; e Manoel Monteiro, rua de Santo António.

Mas, segundo o parecer do nosso estimado amigo e conceituado serralheiro mecânico sr. Luciano Afonso Gaião, um mestre na arte de



Varanda do prédio n.º 139 da Rua da Bandeira.

fazer grades, portões e varandas, e que ensinou muitos dos seus empregados durante décadas de labor proficiente e digno, foi Antão José Dias, com oficinas montadas no Largo de S. Domingos e na Rua Góis Pinto, bem apetrechada de tornos, barbequins e outras máquinas movidas electricamente, e que instalaria, mais tarde, nelas, fundição de ferro e metais.

Além deste, outros existiram como o Corito, o João Mouco, o Cavalaria, o Manuel Parente, o Pires Franco, de Areosa, que depois se dedicou exclusivamente ao fabrico de fogões e de cofres, o Hernâni Passos da Cunha, filho do José Rodrigues da Cunha, o qual acabaria, também, por vir a fabricar e a consertar fogões a lenha, ali, na Rua das Rosas, hoje General Luís do Rego.

Presentemente, outros há, entre eles o José Marques da Balinha, com oficina, agora, em Darque.

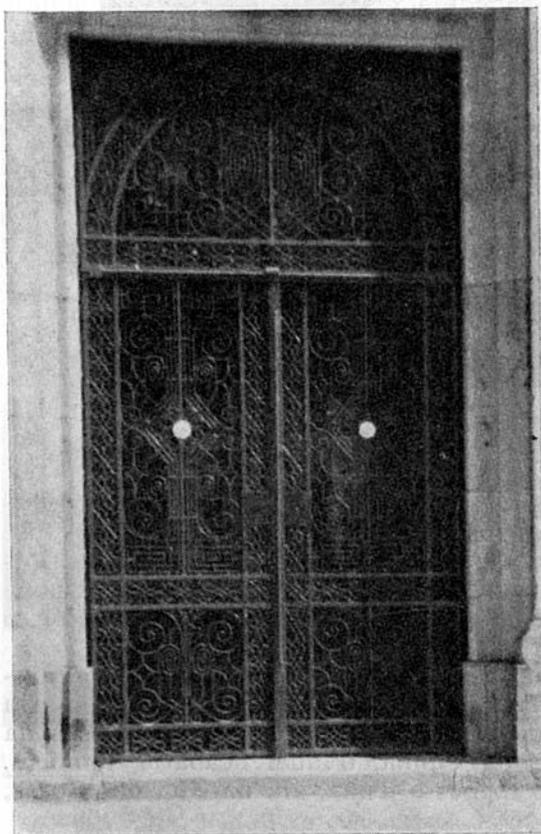
Foram estes, por certo, os artífices que construíram algumas das obras de ferro forjado que enriquecem o património arquitectónico e artístico de Viana do Castelo.

A todos eles e aos muitos outros cujos nomes ficarão, com certeza, para sempre no esquecimento, o testemunho da nossa homenagem e do nosso apreço.

#### RELAÇÃO DAS VARANDAS DE FERRO FORJADO DIGNAS DE CONSTAREM DO INVENTÁRIO QUE REALIZAMOS:

##### *Freguesia de Monserrate*

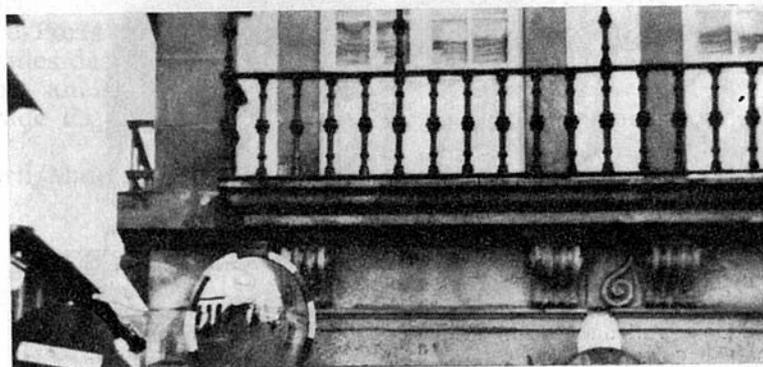
Rua de S. José — 4; Rua do Assento — 3; Rua de S. Tiago — 12 (de admirar as 6 varandas do Colégio do Minho); Av.<sup>a</sup> Conde da Carreira — 9



A linda porta da Capela de  
Nossa Senhora da Agonia

(de referir a do prédio N.º 107); Rua dos Rubins, lado poente — 7; Rua Manuel Espregueira, entre a R. Rubins e o Largo de S. Domingos — 111; dignas de serem admiradas as dos prédios N.ºs: 121 A, 153 a 157, uma das mais belas e longas da cidade; 180, 195, 205, 246, 254, 281 e 315, além das da Vedoria, N.º 140.

Rua de Altamira—28; Largo de S. Domingos—25; R. Góis Pinto—1; Largo Infante D. Henrique — 14; Rua do Loureiro — 9 (repare-se na do prédio N.º 88); Rua D. Frei Bartolomeu dos Mártires — 5; Rua Mons. Daniel Machado — 7; Praça General Barbosa — 28; Rua General Luís do Rego, até à Rua dos Rubins — 42 (menção especial para as dos prédios N.ºs 30 e 87).



Aspecto da varanda do prédio n.º 81-87, na Rua Gago Coutinho.

#### *Freguesia de Santa Maria Maior*

Rua dos Rubins, lado nascente — 2; Rua Manuel Espregueira, entre aquela Rua e a Praça da República — 21; (admirem-se aos dos N.ºs: 75 e 87); Av. dos Combatentes — 34 (dignas de menção as do Palácio da Justiça e portas do mesmo); Rua Cândido dos Reis — 27 (muito especial a do prédio N.º 25, autêntica «filigrama» de ferro); Av.ª C. Carreira, entre Av.ª Combatentes e Rua C. Reis, 11; Rua G. L. Rego, idem — 15; Praça da República — 34; Rua Emídio Navarro — 32; Rua Major Xavier da Costa — 15; Rua Espírito Santo — 6 (de referir a do N.º 9, de feitura recente); Rua Nova de Santana, 9; Rua Gago Coutinho — 74 (especiais as dos N.ºs: 81, 99 e a da Capela da Casa da Praça (Malheiras)); Largo João T. da Costa e Av.ª Camões — 54 (vejam-se as dos prédios N.ºs 26 e 56); Rua do Gontim — 9; P. Frei Gonçalo Velho — 15 (admire-se a N.º 115); Rua da Bandeira — 163 (admirem-se as dos N.ºs 135, entre a P. da República e a Av.ª Rocha Páris; N.ºs 199, entre a Av.ª Rocha Páris e a Av.ª D. Afonso III, com menção especial para as 11 varandas, gradeamento e portão do Governo Civil, e as 10 varandas do prédio N.º 227 e grade da janela do rés do chão, que lhe fica anexo; e N.ºs 349, 446, 488 e 522, entre o Carmo e a Estrada da Papanata.

Rua José Espregueira — 2; Rua de Aveiro — 7; R. de S. Pedro — 14; Rua Grande — 50 (especiais as varandas dos prédios N.ºs 22, 32, 80 e 127); Rua da Picota — 33; Rua Mateus Barbosa — 37 (de apreciar as do N.º 36, com 8 varandas, N.ºs 14, 30 e 48; Av.ª Rocha Páris — 6 (vidé a varanda da casa com o N.º 34); e Largo Trindade Coelho — 1, muito linda no prédio N.º 2.



Varanda do prédio n.º 25, da Rua Cândido Reis, uma das mais belas de Viana, dado a variedade de motivos que a compõem. Pena o reclame comercial colocado na sua base tirar-lhe algo da beleza. Facto a ter em conta, de futuro, pela Câmara Municipal, ao conceder licenças para reclames luminosos ou simples tabuletas...



A bela varanda do prédio n.º 153, da Rua Manuel Espregueira. A maior de toda a cidade. Faz lembrar renda de toalha de altar...

De referir ainda:

Porta da Capela de N.<sup>a</sup> Senhora da Agonia.

Porta das traseiras da Pastelaria Brasília, na Rua Luís Jácome.

Portão do Horto Municipal.

Portão do quintal do Lar de Velhos de Nossa Senhora da Caridade, que dá para o Largo de Santo António, agora Trindade Coelho.

Porta de armas do quartel do ex-BC 9 (embora lhe falte o frontão, de 1790.

Porta e janelas laterais da Igreja do Carmo.

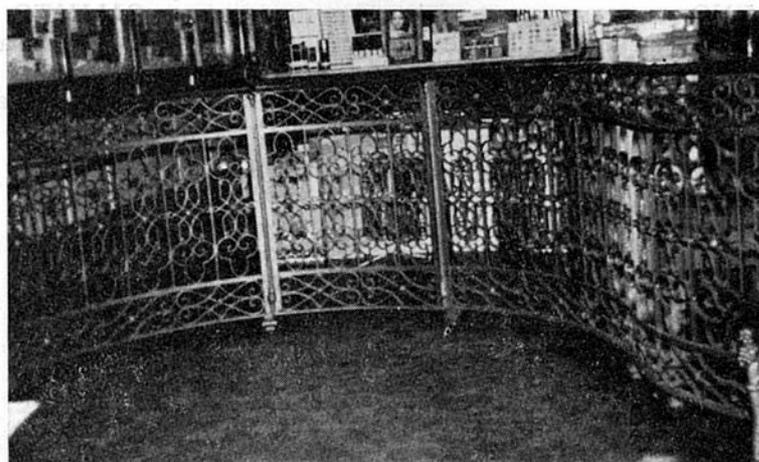
Varandas da torre sineira e grade do nicho da Igreja das Almas.

Portão do «banco» (serviços de urgência) do Hospital da Misericórdia e Porta das Chagas.

Grades das janelas da Matriz (Sé), na Travessa dos Clérigos, balaústros com anéis e torneados estriados e floreados.

Grade da Farmácia Almeida, no Largo João Tomás da Costa. <sup>(5)</sup>

Abril/Maio de 1981.



A bonita grade da Farmácia Almeida, na Avenida Marginal. Foi construída em 1834. Vidé nota final deste trabalho.

---

<sup>(5)</sup>—Esta grade, segundo nos informou a gerente e proprietária actual, sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> D. Maria Alice Paula Santos, vem da fundação da farmácia, em 1834, estabelecimento que era conhecido, muitas décadas atrás, por «Farmácia do Postigo», que, segundo o saudoso Pai daquela Senhora, sr. António Paula Santos, conseguiu averiguar, era pertença de um monge que, nela, vendia unguentos e ervas medicinais. Deduz-se que o nome de «Postigo» venha do facto de, ou por muito próximo ficar uma das portas da muralha da cidade, que tinha tal nome, ou aquele fornecer aos clientes que o procuravam os produtos que manipulava através de um postigo aberto na porta.